
Educação do Campo no norte do Tocantins: relatos das experiências da Licenciatura em Educação do Campo na UFT

Entrevistador: Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho

Entrevistado: Prof. Dr. Maciel Cover

George Leonardo Coelho¹

¹Universidade Federal do Tocantins - UFT. Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N, Porto Nacional - TO, 77500-000, Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas (PPGHispam). Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: george.coelho@hotmail.com

Introdução

Dando continuidade ao extenso projeto de entrevistas com professores e pesquisadores que se dedicam à Educação do Campo em Universidades Públicas brasileiras, o presente relato de experiência vem enriquecer esse repertório. As duas primeiras entrevistas publicadas pela Revista Brasileira de Educação do Campo trouxeram os pontos de vista e as experiências dos Professores Alessandro Pimenta (UFT) e Ramofly Bicalho (UFRF). A presente entrevista foi gentilmente concedida pelo colega e professor Maciel Cover. Antes de apresentar a entrevista é importante algumas considerações. Conheci esse jovem pesquisador quando os cursos de Educação do Campo de Arraias e Tocantinópolis, ambos da Universidade Federal do Tocantins, estavam na batalha para implantar a Escola da Terra em 2017. Na ocasião conversamos bastante sobre a necessidade de alcançar os professores que atuam em comunidades rurais, quilombolas e indígenas. De lá para cá, nos encontramos em Congressos e Encontros sobre a Escola da Terra. Nas conversas entre as atividades, o professor Maciel demonstrou uma sensibilidade e afinidade enorme com as comunidades vítimas da expropriação fundiária ocorrida no Brasil. Por essa razão, achei oportuno convidá-lo para participar desse projeto, onde procuro realizar o registro das memórias de indivíduos dedicados à Educação do Campo. Nessa entrevista, o Prof. Dr. Maciel Cover nos contou sobre seus estudos desde as primeiras experiências no curso de Pedagogia da Terra no Rio Grande

do Sul até seu estágio de pós-doutoramento em Campinas-SP, assim como, seus primeiros passos na docência até sua atuação na UFT-Tocantinópolis. Então, espero que o leitor acompanhe a entrevista concedida por esse educador assumidamente militante em prol da Educação voltada para as comunidades camponesas brasileiras.

Entrevista

Professor, o senhor pode nos contar um pouco sobre sua formação acadêmica? Conte-nos sobre sua trajetória como pesquisador e como docente.

R.: Sou formado em Pedagogia da Terra, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul; mestre e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. Fiz estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Em termos de pesquisa, na graduação estudei as práticas educativas na Pastoral da Juventude Rural. No mestrado e doutorado estudei as condições sociais dos trabalhadores rurais do sertão paraibano que migram para trabalhar em usinas canavieiras do estado de São Paulo. Nos pós-doutorado, estudei os processos de resistência dos atingidos pela barragem de Estreito/MA. Na área da educação, tenho estudado o curso de Licenciatura em Educação do Campo, na UFT em Tocantinópolis. Em termos de docência, trabalhei por muito tempo em atividades de formação de lideranças na Pastoral da Juventude Rural. Desde 2015 trabalho como docente na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis, no curso de Educação do Campo, Artes e Música.

Há quanto tempo o senhor dedica-se à Educação do Campo? Poderia compartilhar algo sobre sua trajetória como coordenador do curso de Licenciatura em Educação do Campo?

R.: Acompanho os debates sobre Educação do Campo desde o ano 2001 quando me inseri na Pastoral da Juventude Rural. Em 2002, quando comecei a estudar Pedagogia da Terra, pude compreender melhor e tive a oportunidade de aprofundar as discussões junto aos educadores e educadoras do curso e com colegas de movimentos sociais como o MST, MAB, MPA, MMC, MTD e PJR que estavam inseridos em escolas do campo e nos setores de educação e formação de suas organizações. Pude participar da II Conferência Nacional “Por Uma Educação do Campo”, realizada em Luziânia, no ano de 2004. Como liderança da Pastoral da Juventude Rural, pude participar de muitas atividades e discussões sobre Educação do

Campo, tanto em termos de formação de outras lideranças, em acompanhamento de cursos, mobilizações de rua, passeatas, marchas, como também em audiências, seminários, e conferências junto aos governos estaduais e federal, que se propunham a ouvir a sociedade civil e formular políticas para atender as demandas das populações do campo. Em 2015 ingressei como docente na Universidade Federal do Tocantins, para atuar no curso de Educação do Campo. Fui coordenar do curso de abril de 2016 até dezembro de 2017. A experiência de coordenar o curso agregou-me muitos aprendizados institucionais e pedagógicos.

O senhor poderia narrar o processo de institucionalização do curso de Educação do Campo, das primeiras discussões até esses três primeiros anos?

R.: Quando ingressei na instituição em 2015, já haviam sido realizadas duas entradas de estudantes através dos vestibulares de 2014 e 2015. A universidade, através do seu corpo docente, dos conselhos superiores e da reitoria, foi dando os passos que julgou necessários para a institucionalização do curso.

Na sua concepção, quais foram os principais avanços, dificuldades e desafios até o momento, assim como para o próximo triênio?

R.: Considero avanço, em nosso caso, ter realizado a formatura de duas turmas. Aponto os seguintes desafios: 1) Resolver alguns gargalos de infraestrutura, como a construção de um restaurante universitário e de alojamentos para os estudantes poderem se hospedar durante os tempos universidades. 2) Garantir recursos para a realização das atividades previstas no Projeto Pedagógico do Curso. 3) Pressionar as prefeituras e governos estaduais para abrirem concursos que possibilitem a inserção dos egressos destes cursos nas escolas do campo.

Sendo os cursos de Licenciatura em Educação do Campo organizados em Pedagogia de Alternância, como o senhor compreende essa abordagem?

R.: Compreendo como uma abordagem que se demonstra eficiente na formação de professores para as escolas do campo, pois considera relevantes os conhecimentos produzidos pela comunidade e proporciona um diálogo com os conhecimentos sistematizados pela Academia.

O senhor pode descrever como funcionou a Alternância durante sua gestão como coordenador do Curso de Licenciatura em Educação do Campo?

R.: A organização do calendário do curso teve alterações, pelo fato de se considerar as demandas propostas pelo conjunto heterogêneo de atores que compõem o curso. Num primeiro momento, cada semestre era organizado em três tempos universidades de quinze dias, com dois tempos comunidades de quinze dias. Foi realizada uma avaliação de que este modelo causava problemas para os estudantes que já atuavam em escolas, como também para os que trabalhavam na agricultura. Construiu-se, posteriormente, um segundo modelo, com dois tempos universidades (primeiro com trinta dias e o segundo de quinze dias) mediados por um tempo comunidade de dois meses. Tratei, junto com outros colegas, este tema com mais profundidade em artigos de periódicos e capítulos de livros, disponíveis na internet.

No campo pedagógico, para o senhor, qual seria a corrente epistemológica mais adequada para a abordagem na Educação do Campo? Por quê?

R.: A chamada epistemologia da práxis tem se demonstrada adequada para abordar a formação de professores do campo, neste conjunto da Educação do Campo, pelo fato que considera importante realizar um esforço de compreender e partir da realidade social e de conhecimentos do educando e sua comunidade, e dialogar com os conhecimentos acadêmicos, estudar, aprender, refletir, sistematizar, para intervir e aprimorar a prática pedagógica deste estudante e professor em formação, junto com sua comunidade.

No que se refere à formação de professores, como os cursos de Licenciatura em Educação do Campo entendem a práxis docente? Sobre os professores licenciados ou sobre os professores que formam professores?

R.: Até onde tenho acompanhando, observo que a categoria práxis, tem um lugar importante na elaboração discursiva e na ação de docentes e egressos dos cursos de Educação do Campo. A alternância pedagógica pelo qual se estruturam os cursos com seus canais de diálogo, possibilitam um aprimoramento das práticas educativas, espaço para crítica constante que apontam para um melhor fazer, que pode ser aproveitado no processo constante de formação a que estão inseridos os docentes e estudantes.

Para finalizar, o senhor se considera um militante, um teórico, um pensador ou gestor quando o assunto é Educação do Campo? O que o senhor espera para o futuro da Educação do Campo no Brasil?

R.: Me considero um militante e um educador em formação, que necessita agregar as habilidades teóricas constantemente para aprimorar sua atuação prática, nos fazeres enquanto professor, pesquisador e gestor. Em termos de futuro da Educação do Campo, espero que possamos fortalecer a educação pública e de qualidade para resolver alguns problemas educacionais como o analfabetismo e a falta de acesso à educação para os povos e comunidades dos campos, águas e florestas.

A Escola da Terra pode ser considerada como um primeiro passo rumo ao futuro da Educação do Campo no Brasil? Por quê?

R.: O programa de aperfeiçoamento “Escola da Terra”, oferecido aos professores que atuam em escolas do campo é uma iniciativa que se demonstra importante como um canal de diálogo, articulação, reflexão e aprimoramento da prática educativa destes agentes. É um passo importante e necessário.

Você poderia destacar algumas diferenças entre a Escola da Terra e outros programas de formação continuada de professores para o campo?

R.: Anteriormente havia o programa “Saberes da Terra”, que ofereceu um curso de especialização para os professores de escolas do campo. O programa da “Escola da Terra” é oferecido como curso de aperfeiçoamento.

Como foi o processo de criação do Programa Escola da Terra?

R.: O Programa Escola da Terra era uma das ações estruturantes da SECADI/MEC. Em termos de Universidade Federal do Tocantins, o programa foi articulado por professores dos Cursos de Educação do Campo de Arraias e Tocantinópolis.

Qual foi a área do conhecimento abarcada pelo programa ofertado e como foram organizados os programas?

R.: O curso desenvolvido no estado do Tocantins, nos anos de 2017 e 2018, procurou inserir as seguintes áreas de conhecimento: Linguagens e artes; ciências exatas; ciências da natureza e agroecologia; ciências sociais e humanas. O curso foi organizado em seis etapas, onde

foram destinadas uma etapa para cada área de conhecimento acima citada, mais a etapa de abertura que era introdutória ao tema da Educação do Campo e a etapa de encerramento, onde aconteceram as apresentações de trabalho dos educandos e educandas.

Quantos municípios foram atendidos? Quantos professores em formação participaram do curso? Quantos docentes – especificar formação e titulação – ministraram os cursos de formação continuada?

R.: Na região norte de Tocantins foram atendidos os municípios de Tocantinópolis, Luzinópolis, Santa Terezinha do Tocantins, Darcinópolis, Babaçulândia, Filadélfia, Wanderlândia, Esperantina, Buriti do Tocantins, São Sebastião do Tocantins e Araguatins, com a participação de mais de cento e sessenta cursistas. Os dez docentes que fizeram a formação na região norte do Tocantins tinham a seguinte formação na época: doutorado em ciências sociais, doutorado em sociologia, doutorado em linguística, mestrado em matemática, dois com mestrado em geografia, mestrado em saúde coletiva, duas com mestrado em teatro, especialização educação do campo.

R.: Pela formação dos docentes que participaram do programa, poderíamos dizer que foi uma formação de excelência, comparada com propostas desenvolvidas na Europa? Por quê?

Além de uma ótima qualificação acadêmica, os docentes que ministraram os cursos tinham experiência profissional ampla no trabalho com povos e comunidades do campo, e isso em meu entendimento, contribui muito para a qualidade da formação dos professores.

Quais as expectativas de dar continuidade a Escola da Terra ao nível de especialização ou mestrado? Como esses cursos poderiam melhorar o nível de ensino nas Escolas do Campo?

R.: As expectativas são boas. Há docentes interessados em realizar uma segunda edição do programa. São espaços importantes para a reflexão dos professores e para o aprimoramento de seu trabalho pedagógico.

Você poderia apresentar um balanço geral desses cinco anos de criação, implementação e desenvolvimento da Educação do Campo?

R.: O balanço é positivo. Em termos do “Escola da Terra”, foram ofertadas pouco mais de 250 vagas, mas há uma demanda muito maior para ser resolvida. Em termos das LEDOCs, a

criação e institucionalização dos cursos foi uma conquista, a formaturas de turmas a cada ano e a inserção dos egressos nas escolas de sua comunidade ou região, revela outro fator positivo desta ação pública institucional. Estas conquistas estimulam minha ação como educador e anima para as tarefas e desafios que precisam ser superados.

Informações da Entrevista / Interview Information

Recebido em: 09/07/2020
Aprovado em: 03/02/2021
Publicado em: 12/11/2023

Received on July 07th, 2020
Accepted on February 03th, 2021
Published on November, 12th, 2023

Contribuições na Entrevista: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar esta entrevista / How to cite this interview

APA

Coelho, G. L. S. (2023). Educação do Campo no norte do Tocantins: relatos das experiências da Licenciatura em Educação do Campo na UFT. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 8, e9934. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e9934>

ABNT

COELHO, G. L. S. Educação do Campo no norte do Tocantins: relatos das experiências da Licenciatura em Educação do Campo na UFT. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 8, e9934, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e9934>